



PODER

Ministérios se agitam com eleição à frente

Titulares de pastas na Esplanada traçam, com o Palácio do Planalto, o rumo mais adequado para reforçar os esforços pela reeleição de Lula e, também, a construção de uma bancada forte — sobretudo no Senado — na próxima legislatura

» VICTOR CORREIA

Março chega como reta final para os ministros que precisam deixar a Esplanada em busca de cargos eletivos em outubro. De acordo com a legislação eleitoral, os titulares têm até seis meses antes do primeiro turno para se desincompatibilizar. No momento, 21 ministros estudam deixar as pastas que ocupam com destinos diversos: concorrer ao Senado, à Câmara dos Deputados, a governos estaduais ou mesmo se dedicar à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Apesar de os palanques estaduais ainda estarem em processo de definição, ministros são peças-chave para a estratégia do presidente, que busca um inédito quarto mandato no Palácio do Planalto. Pesquisas eleitorais recentes, que mostraram um avanço do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) como nome da direita, acenderam um alerta no governo sobre a necessidade de garantir candidaturas fortes nos principais colégios eleitorais — São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia.

São Paulo é a maior incógnita por enquanto. Cresce a pressão do Planalto e do PT para que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, dispute o Palácio dos Bandeirantes contra o incumbente Tarcísio de Freitas (Republicanos). Lula, Haddad e o vice-presidente Geraldo Alckmin se reúnem, a princípio, na terça-feira, para definir o desenho no estado. Apesar de Haddad negar publicamente que sua candidatura esteja definida, ela é dada como certa por aliados, uma vez que o ministro é considerado o único nome competitivo contra o governador paulista, escanteado eleitoralmente pelo clã Bolsonaro e praticamente obrigado a disputar a reeleição.

Pressão

Por sua vez, Alckmin também é pressionado a concorrer pelo estado — possivelmente ao Senado —, abrindo espaço para que um nome do MDB componha a chapa de Lula como vice. Nos bastidores, o atual vice-presidente nega querer disputar qualquer cargo que não seja a reeleição. O PSB tenta garanti-lo no posto e parte dos emedebistas resiste à hipótese de se atrelar a Lula — não esqueceram a campanha que o PT fez contra o partido, à época do impeachment de Dilma Rousseff, tentando

Definição para o futuro

Ministros têm até o início de abril para deixar suas pastas se quiserem concorrer à eleições deste ano. Segundo a legislação eleitoral, o prazo para desincompatibilização se encerra seis meses antes do primeiro turno, em dia 4 de outubro. Grande parte dos ministros é peça-chave para apoiar a campanha à reeleição de Lula.

VEJA QUEM SÃO:



Fernando Haddad (Fazenda) — Pode disputar o governo de São Paulo ou atuar apenas na campanha de Lula



Geraldo Alckmin (Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços) — Vice-presidente deve deixar o ministério que também comanda para compor novamente a chapa com Lula. Mas é cotado para disputar o governo paulista ou o Senado pelo mesmo estado



Simone Tebet (Planejamento e Orçamento) — Disputa o Senado, possivelmente por São Paulo



Marina Silva (Meio Ambiente) — Disputa o Senado por São Paulo



Rui Costa (Casa Civil) — Disputa o Senado pela Bahia



Gleisi Hoffmann (Secretaria de Relações Institucionais) — Disputa o Senado pelo Paraná



Waldez Góes (Desenvolvimento Regional) — Deve concorrer ao Senado pelo Amapá



Sidônio Palmeira (Secretaria de Comunicação Social) — Estuda deixar a pasta para coordenar a campanha de Lula



Camilo Santana (Educação) — Pode concorrer ao governo do Ceará ou apoiar a reeleição de Elmano de Freitas (PT) ao cargo



Renan Filho (Transportes) — Concorre ao governo de Alagoas



André Fufuca (Esportes) — Cotado para concorrer ao governo do Maranhão ou ao Senado, pelo mesmo



Silvio Costa Filho (Portos e Aeroportos) — Concorre ao Senado por Pernambuco



Jader Filho (Cidades) — Disputa a Câmara dos Deputados pelo Pará



Carlos Fávaro (Agricultura) — Senador por Mato Grosso, busca a reeleição



André de Paula (Pesca) — Quer concorrer à Câmara dos Deputados por Pernambuco, mas seu partido, o PSD, defende colocá-lo no Ministério da Agricultura



Anielle Franco (Igualdade Racial) — Vai concorrer à Câmara dos Deputados pelo Rio de Janeiro



Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário) — Deputado por São Paulo, quer a reeleição



Márcio França (Empreendedorismo) — Declarou-se pré-candidato ao governo de São Paulo, mas pode tentar o Senado



Sonia Guajajara (Povos Indígenas) — Vai concorrer à Câmara dos Deputados por São Paulo



Macacé Evaristo (Direitos Humanos) — Vai concorrer à reeleição como deputada estadual por Minas Gerais



Wolney Queiroz (Previdência) — Pretende disputar à Câmara por Pernambuco, mas aguarda aval do presidente Lula



Valdo Virgo/CB/D.A Press

colar no então vice Michel Temer a alcunha de traidor. Ainda assim, setores do MDB veem vantagem em embarcarem na segunda reeleição de Lula, sobretudo no Norte e no Nordeste, onde o presidente, aos poucos, perde capital eleitoral para o bolsonarismo.

São Paulo também é destino de outros ministros de peso. Simone Tebet, do Planejamento e Orçamento, pretende se lançar ao Senado pelo MDB. Para isso, porém, precisa trocar domicílio eleitoral e de partido, já que o partido no estado pretende embarcar na reeleição de Tarcísio e na campanha de Flávio Bolsonaro. Ela foi senadora pelo Mato

Grosso do Sul até 2022, quando disputou a Presidência e, por conta do apoio que deu a Lula no segundo turno, foi convidada para ser ministra. Quem também mira o Senado é a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, que negocia a volta ao PT para viabilizar-se na disputa. Paulo Teixeira, do Desenvolvimento Agrário, quer se reeleger como deputado federal por São Paulo. Já Márcio França, do Empreendedorismo, lançou pré-candidatura ao Palácio dos Bandeirantes, mas pode ser mais um nome ao Senado. Porém, um candidato a mais do campo progressista poderia dividir os votos.

Também quer ser governador o ministro Renan Filho (Transportes), em Alagoas, para tentar fazer uma barreira de contenção ao grupo do ex-presidente da Câmara, deputado Arthur Lira (PP-AL) — que deve contar com o apoio do bolsonarismo. Mas Renan não é o único que vai em busca de um governo estadual: André Fufuca (Esportes), no Maranhão, pretende concorrer ao Palácio dos Leões, porém pode reforçar o time governista na busca de uma cadeira ao Senado. Outro que pode voltar ao Poder Executivo local é Camilo Santana (Educação) — aguarda definição se apoiará a campanha à reeleição

de Elmano de Freitas (PT) ao Palácio da Abolição ou se ele mesmo vai à luta, caso se conclua pelas pesquisas de intenção de votos que tem mais chances de vitória.

Em Minas Gerais, o xadrez está complicado, uma vez que o bolsonarismo formou uma base forte no estado. Dos ministros, a dos Direitos Humanos, Macacé Evaristo, vai atrás da reeleição a deputada estadual, condição que não é capaz de influenciar tanto assim na reeleição de Lula. Alexandre Silveira, de Minas e Energia, chegou a ser cotado para o governo mineiro ou para o Senado, mas deve se abster da disputa e participar da coordenação da campanha de Lula no

PT fará ofensiva contra Flávio nas ruas e nas redes

O PT vai deflagrar uma ofensiva contra o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), candidato do PL à sucessão do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, nas ruas e nas redes sociais. Desde que pesquisas de intenção de voto começaram a indicar o avanço do filho 01, ainda que a eleição seja somente em outubro, o partido decidiu mudar a estratégia.

“Flávio Bolsonaro é a essência do pensamento fascista e ultraconservador brasileiro. Se não falarmos isso, ele será ‘o amigo Flávio’, o candidato palatável”, disse o presidente do PT, Edinho Silva, na conferência da corrente Construindo um Novo Brasil (CNB), majoritária na legenda.

A reunião serviu para discutir diretrizes da campanha de Lula

à reeleição e fazer um chamado ao partido, diante das dificuldades apresentadas nos últimos dias. “Vamos enfrentar Flávio Bolsonaro no debate político. É só olhar a história: ele não nasceu da casca do ovo. Vamos olhar cada votação que ele teve. Agora, ele quer virar um copo vazio. Ele não é um copo vazio, porque é a herança do autoritarismo e do fascismo”, frisou Edinho, numa referência ao fato de Flávio ser filho de Bolsonaro, preso por tentativa de golpe de Estado.

A uma plateia formada por políticos e personalidades do partido, como o ex-ministro José Dirceu, o presidente do PT afirmou que Flávio virou o “catalisador de um sentimento antissistema”. Foi nesse momento que pediu rápida reação

dos correligionários para expor os problemas do senador.

Embora não tenha citado, a lista inclui o escândalo da “rachadinha”. Em 2020, por exemplo, Flávio foi acusado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ) de chefiar uma organização criminosa que recolhia parte do salário dos funcionários de seu gabinete, quando era deputado estadual, para benefício próprio. O senador nega as acusações.

“Ficamos, às vezes, estarelecidos quando a gente oscila um pouco nas pesquisas. O que temos de entender é que estamos vivendo, de fato, um momento difícil, de acirramento da conjuntura, e de uma dificuldade imensa de dialogarmos com a sociedade brasileira. Isso não podemos negar”, admitiu

Edinho. Em seguida, porém, observou que o PT tem “todas as condições” de levar Lula à vitória.

No encontro, dirigentes mostraram preocupação com o potencial de desgaste da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do INSS e do escândalo do Banco Master sobre a campanha de Lula. Isso porque, na quinta-feira, o colegiado aprovou a quebra do sigilo de Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, filho do presidente, em uma sessão tumultuada.

Edinho também pediu atenção para enfrentar o que chamou de “ofensiva de redes sociais” contra Lula e o PT. Disse que a “estrutura fraudulenta” para colocar em risco o sistema financeiro não foi montada nesse governo e classificou a mobilização digital bolsonarista

como profissional e organizada.

“Se nós ficarmos inertes, Flávio Bolsonaro será o ‘amigo Flávio’. Mas não vamos dizer de quem ele é amigo?”, provocou Edinho, ao destacar que o senador é amigo dos opositores do fim da escala 6 x 1 e das “elites” envolvidas nos escândalos do mercado financeiro. “Ou o PT levanta a bandeira da reforma política ou não seremos o partido antissistema”, cobrou.

Apesar da “chacoalhada”, Edinho incentivou os pares a partir para o enfrentamento e, ao destacar que bolsonaristas estão com uma poderosa estrutura nas redes sociais, o presidente do PT fez um afago.

“Nenhum robô debate mais do que um militante estimulado”, salientou.



Flávio Bolsonaro é a essência do pensamento fascista e ultraconservador brasileiro. Se não falarmos isso, ele será ‘o amigo Flávio’, o candidato palatável”

Edinho Silva, presidente do PT, em evento do partido